



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FERNANDA GODINHO

(depoimento)

2015

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-556

Entrevistada: Fernanda Godinho

Nascimento: 26/04/1984

Local da entrevista: Shopping João Pessoa, Porto Alegre

Entrevistadora: Isabela Lisboa Berté

Data da entrevista: 25/05/2015

Transcrição: Ayllu Acosta

Copidesque: Isabela Lisboa Berté

Pesquisa: Ayllu Acosta e Isabela Lisboa Berté

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 33 minutos e 09 segundos

Páginas Digitadas: 18 páginas

Observações:

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de Isabela Lisboa Berté intitulada *Mulheres no Universo Cultural do Boxe: As questões de gênero que atravessam a inserção e a permanência de atletas no Pugilismo*. (2003-2016)

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Inserção no Boxe; Relação com família, amigos e treinadores; Condições da escola em que iniciou a prática de Boxe; Situação do boxe feminino no Rio Grande do Sul; Campeonatos que participou; Dificuldades financeiras; Programa Bolsa Atleta; Percepção de mudanças corporais; Diferenças na prática de homens e mulheres; Contribuição para o Boxe do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 25 de maio de 2015. Entrevista com Fernanda Godinho a cargo da pesquisadora Isabela Lisboa Berté para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

I.B. – Primeiro eu queria saber como é que foi a tua inserção no boxe?

F.G. – Foi através da... Eu treinei em uma academia e deu o acaso do treinador ser um rapaz que levava as meninas para lutar. Daí eu disse... Fui no primeiro dia e já gostei, aí ele já me levou.

I.B. – Tu saiu da academia e foi treinar especificamente boxe?

F.G. – É, eu fiquei no boxe. Eu fui na academia, o treinador já era o Zé¹, não sei se tu conhece.

I.B. – Sim.

F.G. – Ele já me levou para treino, já... “Essa serve.” [risos]

I.B. – Essa foi a primeira modalidade esportiva que tu praticou?

F.G. – Não, eu jogava futebol.

I.B. – Jogava futebol antes?

F.G. – Aham. [risos]

I.B. – Legal! Alguém influenciou a tua escolha pelo boxe? Amigos, professores...

¹ José Valter Corrêa de Lima.

F.G. – Tinha um colega de serviço, que ele fazia já. Ele disse: “Quem sabe tu faz? Tu tem jeito.” Eu tinha visto aquele filme “Menina de Ouro”. Aí eu: “Eu quero fazer. É isso”.

I.B. – Tu encontrou alguma resistência de treinadores ou da Federação Rio-grandense para que tu treinasse, como mulher, ou tu foi sempre incentivada?

F.G. – Não. Eu fui incentivada, mas é que o esporte em si ele não é incentivado nem para mulher, nem para o homem. Eu tive incentivo na verdade. No começo eles não me incentivaram, depois eles foram vendo que tinha sei lá... Viram que eu queria mesmo, daí eles começaram a incentivar.

I.B. – E a tua família? Como é que tua família e teus amigos reagiram à escolha pelo boxe?

F.G. – Não gostaram. Um dia eu cheguei em casa e... Tu te machuca, tem muito contato. Tu te machuca entre aspas, acontece, bate um pouco o olho e já fica roxo. Eu chegava muito com o olho roxo, daí meu pai dizia: “Eu nunca te bati, e tu chega em casa roxa”. Ele não gostava. Quando foi a primeira vez que eu saí no jornal e fui campeã gaúcha, ele viu que... O pessoal da cidade quis me ajudar, muito vereador e coisa, ele viu que realmente eu estava gostando, queria aquilo e que todo mundo via potencial. Daí eles aceitaram, mas no começo...

I.B. – Chegaram a ir te assistir em algum campeonato?

F.G. – Minha mãe foi, mas foi só o primeiro. [risos]

I.B. – Ela não gostou?

F.G. – Não, ela não gostou de ver a luta. Ela disse que não, que me apoiava, mas não queria ver.

I.B. – Como era a escola que tu iniciou a tua prática de boxe? No caso, foi com o José Lima?

F.G. – Sim.

I.B. - Tinha estrutura?

F.G. – Não. Na academia era boa, mas onde a gente treinava, ali na Federação, era muito precário. Agora está melhor, mas no início era muito ruim, porque não tinham aparelhos era só um salão com saco de pancadas. Na verdade, tu tem que ter vontade de fazer, se tu for olhar... Se tu chegar a levar alguém da tua família pra conhecer lá o ambiente que tu treinava, vão dizer: “O que tu quer aqui?”. Porque era horrível. Eu achava horrível, mas agora não é mais.

I.B. – Era lá no CETE²?

F.G. – Era lá no CETE. Agora está bom. Eu não sei se tu chegou a ir lá?

I.B. – Eu fui lá.

F.G. – Antes era horrível.

I.B. – Eu fui lá em Canoas, no Bolão Gaúcho³. Não sei se tu chegou a ir lá.

F.G. – Sim, sim.

I.B. – Lá eu achei bem mais precário que o CETE, por exemplo.

F.G. – Mas era pior.

² Centro Estadual de Treinamento Esportivo localizado no bairro Menino Deus em Porto Alegre.

³ Clube esportivo localizado no Centro da cidade de Canoas no Rio Grande do Sul.

I.B. – É?

F.G. – Era. Eu fui lá agora, fui visitar. Agora tem um ringue, tem um tatame. A gente não tinha nada disso, a gente usava corda, coisas bem improvisadas. Mas era tri⁴, eu gostava. Quando a gente gosta, não importa o que tem de material, tu gosta. Que nem quando tu vai jogar futebol, tu vai botar um tênis bonito só para dizer, mas não é o que importa.

I.B. – Tu joga em qualquer quadra.

F.G. – Sim. Eu até gostava, mas acho que tem que ter mais incentivo, mais aparelhagem, mais estrutura, porque eles estão formando atletas. Eu fiquei porque eu gostava, mas muita gente saiu. Começou e saiu.

I.B. – Nessa época... Que ano que tu começou a treinar boxe, mais ou menos?

F.G. – 2006.

I.B. – Como é que era o boxe feminino no estado? Tinha mulheres treinando, por exemplo, na mesma academia que tu começou?

F.G. – Tinha, já tinham duas que treinavam a bastante tempo: a Megg⁵ e a Fernanda⁶ também.

I.B. – Te lembra de ter competições já no Rio Grande do Sul?

F.G. – Sim, tinha há bastante tempo. Não sei te dizer o ano que iniciou, mas já tinha há bastante tempo. Naquele ano que eu entrei, no ano seguinte ou no mesmo ano, o Bolsa

⁴ Expressão usada pelos gaúchos que significa “legal”.

⁵ Megg Tavares.

⁶ Fernanda Pereira.

Atleta⁷ foi implantado para mulher. Era o quinto Campeonato Brasileiro que estava tendo no boxe feminino. Era pouco... Era recente, mas tinha guria treinando, mas só por “esporte”. Eu também entrei só por “esporte”, fui lutando assim, sabe?

I.B. – Logo tu já disputou o Campeonato Gaúcho? Entrou e quanto tempo depois tu já foi...

F.G. – Quatro meses.

I.B. – Com quatro meses...

F.G. – Aham, já comecei a lutar com quatro meses. Eu lutei acho que umas cinco vezes, daí ganhei o Gaúcho. No mesmo ano, eu fui para o Campeonato Brasileiro. Todo mundo dizia assim: “Depois que tu for para o Campeonato Brasileiro tu vai ver que não é o que tu quer, tu vai ver que lá o nível é muito superior.” Realmente tem muita diferença lá das mulheres, mas também eu tinha quatro ou cinco lutas, a guria que eu lutei tinha trinta e sete lutas, não tem como, mas igual eu vi que eu tinha como. [risos] Eu era muito esforçada, eu fazia cada loucura... Mas lá tinha bastante atleta, cada estado levava em torno de cinco ou seis atletas. Cada peso tinha uma atleta, o nosso que tinha muito pouco.

I.B. – Tem algum estado que se diferenciava? São Paulo...

F.G. – Bahia era o que mais... Ainda é, com certeza, mas agora eu estou meio por fora, acho que está bem parelho.

I.B. – São Paulo e Bahia?

F.G. – É, São Paulo e Bahia.

⁷ Programa de patrocínio individual de atletas do governo brasileiro.

I.B. – Tu chegou a ter uma situação de tu não ter com quem lutar aqui na tua categoria aqui no Rio Grande do Sul?

F.G. – Já, várias vezes, eu não tinha com quem lutar. Para eu não ficar muito tempo sem lutar, eu lutava com gurias... Eu pesada cinquenta e sete, sessenta quilos e lutava com gurias com setenta e poucos quilos, pra poder lutar. Daí eu lutava, mas aqui eu nunca perdi, perdi lá fora.

I.B. – É uma ascensão muito rápida, porque imagina tu começar em uma modalidade e em quatro meses tu estar competindo e logo em um Brasileiro.

F.G. – Foi bem rápido, mas aí no outro ano... O primeiro ano que eu fui eu via bastante diferença com a guria que lutou comigo, mas daí no outro ano, eu já me preparei melhor. Eu fui vendo outros jeitos de lutar, fui pesquisando mais, porque não é só o fato de “vou correr, vou pegar condicionamento físico”, não é só isso. O boxe é muita técnica, mais a técnica, ainda mais o olímpico, porque é um jogo de inteligência. Não é: “Eu vou dar porrada, vou quebrar”. Claro que acontece, mas tudo é a colocação, como tu vai dar um soco, como vai... Tudo é uma técnica. Eu fui pesquisando, fui vendo. No outro ano, eu já comecei a treinar com o Cafuringa⁸, que era um técnico um pouco mais experiente. Eu parti para o Cafuringa, treinei com o Zé e o Cafuringa, fazia condicionamento com outro que é o Aimoré⁹. Eu fui começando a sair um pouco só dele, não porque...

I.B. – Tu te dedicou exclusivamente ao boxe?

F.G. – Exclusivamente.

I.B. – Em termos financeiros, tu conseguiu te manter?

⁸ Paulo Petinga.

⁹ Nome sujeito a confirmação.

F.G. – É horrível. Olha, até hoje eu não sei explicar como, porque eu treinava de manhã, de tarde e de noite. Daí eu... Quando eu queria... Todo mundo dizia: “Para ti ter o Bolsa Atleta teria que participar do Campeonato Brasileiro, ficar entre as três primeiras colocadas e não pode ter patrocínio.” Eu pensava: “Se eu trabalhar, eu vou ter que ter uma carteira assinada e será que eu posso?”. Em vez de eu olhar e pesquisar, a gente cabeça louca, não é? Eu não olhei e vi que eu realmente podia trabalhar e ter assinado uma carteira. Eu trabalhava em locais, mas sem assinar carteira, foram quatro ou cinco anos perdidos na minha vida, entre aspas.

I.B. – Tu ganhava o Bolsa Atleta?

F.G. – Ganhava o Bolsa Atleta, mas eu fui ganhar depois de um ano. Foi um ano que eu... Entendeu?

I.B. – Sim.

F.G. – Eu trabalhei, mas eu treinava de manhã e de tarde, o tempo que dava, e de noite alguma coisa também, porque é esse o ritmo que tu tem que ter. É que assim, eu gostava do esporte, gostava de fazer, gostava de lutar, eu não visava o lucro, o dinheiro. Não visava, porque eu gostava. Eu não pensei assim... Eu poderia ter estudado, eu poderia ter feito outras coisas nesse tempo. Foi uma parte que eu adquiri outras coisas, mas perdi em questões financeiras. Adquiri muitas coisas como levar uma vida mais saudável, eu não tinha *stress* nenhum porque tu libera. Eu não sabia o que era isso, vivia uma vida bem tranquila. Às vezes eu saía de noite, mas era difícil, era uma vida regrada. Que nem o Zé, eu tinha ele como irmão para mim, foi uma parceria bem legal, ele me ajudou muito. Então, em questão de amizade, a gente criou muito, mas foi um tempo que também eu poderia ter mexido em outras coisas se eu tivesse a cabeça que eu tenho hoje. Com a cabeça que eu tenho hoje e eu vivesse aquilo antes hoje, eu faria diferente em algumas coisas.

I.B. – Tu te lembra quanto tu ganhava, mais ou menos, na época do Bolsa Atleta?

F.G. – Setecentos e cinquenta.

I.B. – Difícil se virar...

F.G. – É difícil se virar, mas é que quando eu trabalhava o meu salário era quinhentos e cinquenta.

I.B. – Sim, e em compensação era só para ti treinar.

F.G. – Setecentos em cinquenta está bom, porque meu salário era esse na época. Em 2007, eu trabalhava de caixa, eu pensava que estava bom, mas agora não... Agora está até melhor, parece que está mil e novecentos o Bolsa Atleta, mas... É que na verdade eu fazia porque eu gostava mesmo, não era porque eu ganhava o Bolsa Atleta... Na verdade, eu fui em busca da Bolsa para dizer: “Eu consegui o Bolsa”. Porque ninguém tinha conseguido ainda, nenhum atleta do Rio Grande do Sul, eu fui a primeira a ter conseguido o Bolsa Atleta. Também em questões de outras coisas... Tem os Jogos Abertos¹⁰ que tem em São Paulo, e muito atleta quis lutar comigo. Até era o Cafuringa que levava os atletas, e nenhum outro treinador fez isso, então eles me chamaram para ir nesse tal de Jogos Abertos. Foi um mérito bem grande para mim como mulher e para o Zé como treinador que estava iniciando, ainda mais com mulher. Teve um ano também que eu fui fazer uma seletiva para o Pan-americano. A Confederação¹¹ me chamou: “Chama ela que ela vai fazer uma seletiva”. Mas aconteceram várias coisas... Eu estava fora do peso e eu tinha dez dias para baixar. Eu lutava no cinquenta e quatro e eu estava nos sessenta e três quilos. Imagina... O peso que eu estou hoje, para lutar no cinquenta e quatro quilos, e eu tive pouco tempo para fazer isso. A Federação¹² pediu muitos exames porque, há uns tempos atrás, eu tinha levado um soco na cabeça e fui parar no hospital, eles queriam esses exames para ver se estava tudo bem comigo. Daí eles pediram os exames. Eu consegui baixar, na verdade eu tive quatro dias para baixar dez quilos, praticamente.

¹⁰ Competição esportiva realizada pelo estado de São Paulo.

¹¹ Confederação Brasileira de Boxe.

¹² Federação Rio-grandense de Pugilismo.

I. B. – Conseguiu baixar?

F.G. – Consegui, mas não consegui nem lutar, cheguei lá e estava com um monte de problemas. Na verdade, eu não tive um acompanhamento. Eu tinha... “Tu tem que parar de comer, tu tem que fazer isso...”. Mas eu não tinha um acompanhamento assim: “Hoje tu come isso...”. Um nutricionista me acompanhando, eu não tive um... Um monte de coisa. Na verdade...

I.B. – Tu não tem uma estrutura.

F.G. – Uma estrutura, entendeu? O esporte ele é bem fraco, ainda mais no boxe que não tem mulher. Tu vê algum lutando? Agora que as mulheres estão tri bem. No boxe, na Olimpíada, as melhores são as mulheres, que os homens.

I.B. – Nesse época que tu entrou, já havia a inserção das mulheres nas Olimpíadas?

F.G. – Não.

I.B. – Ainda não tinha...

F.G. – Não.

I.B. – O boxe amador não tinha nas Olimpíadas¹³?

F.G. – Não, foi no último ano, foi em 2009, eu acho, foi a última luta que eu fiz. Ela já estava... Até eu preenchi os negócios para os casacos, blusas, tênis,.. Eu já estava preenchendo, porque era possível eu entrar na Olimpíada. Só que não sei quantas categorias

¹³ Jogos Olímpicos.

tem o masculino, mas o feminino acho que eram só cinco. Eram só cinco atletas para ir, era muito pouco, mas eu tentei, busquei, fui atrás e deu no que deu.[risos]

I.B. – Para ti ganhar o Bolsa atleta, foi o Brasileiro que tu...

F.G. – Foi o Brasileiro, tem que ganhar, ficar entre os três primeiros.

I.B. – Quais campeonatos que tu participou? Quais foram tuas conquistas? Atualmente tu não está mais competindo?

F.G. – Não, agora não, agora eu estou em outra... Eu não tenho tempo mais, ou tu vive uma coisa ou tu vive outra, não tem como tu conciliar. Aí é que está o negócio, porque as atletas que tem lá para cima, elas tem uma ajuda da prefeitura, tem um patrocínio. Elas trabalham e estudam, mas tem uma ajuda, por exemplo: “Eu preciso não trabalhar durante um mês para poder treinar”. Elas têm como, elas têm um auxílio mais ou menos, mas aqui está bem fraco. Eu nem sei como estão às atletas daqui agora, mas na minha época era bem fraco.

I.B. – Basicamente Bolsa Atleta, não tinham outros incentivos?

F.G. – É que tu não podia. A Bolsa Atleta tu não podia ter patrocínio.

I.B. – Não podia ter patrocinador?

F.G. – Não podia. Eu morria de medo de ter, no caso, um patrocinador e perder a Bolsa. Burrice, porque era só eu... Claro, eu poderia ter, não divulgar, mas pensava: “Não vou”. Eu consegui ter na época, no último ano que eu lutei, eu consegui ter um patrocínio. Eles me ajudavam com ajuda de custo, me davam academia. A academia eles me cederam, tinha piscina, tinha tudo. As passagens para ir para os lugares, eles também me davam, mas era complicado. Quem me ajudou a me manter foi o Zé, ele fazia “marmita” meio dia para eu comer, levava lanche da tarde, pagava as passagens. Às vezes ele dizia: “Fê, se tu tá precisando de alguma coisa, a gente dá um jeito”. Ele sempre deu um jeito, foi quem me

manteve. Também não tinha um... Eu não sei, parece que eu estava anestesiada porque eu queria viver aquilo ali, não importava se eu estava sem dinheiro, se eu estava sem isso, sem aquilo, porque eu estava vivendo aquilo ali, estava bom para mim. O dinheiro eu não me importava. Agora está fazendo falta, eu poderia ter feito outras coisas junto. Eu estou com trinta e um anos, eu não estudei, foi uma parte perdida. Não tive... Em 2010, eu engravidei e o que eu tinha antes? Se tu está empregada, tu ganha teu auxílio maternidade até os seis meses, eu não tinha nada disso. Eu fui recorrer, meu último emprego com carteira assinada foi em 2007.

I.B. – Quantos anos tu ficou no boxe?

F.G. – Quatro anos, 2007, 2008 e 2009... Três anos. Na verdade, foi em 2006 que eu iniciei, mas foram três anos que eu vivi assim. É muito tempo. [risos]

I.B. – Tu percebeu alguma mudança no teu corpo decorrente da prática do boxe?

F.G. – Percebi.

I.B. – O quê?

F.G. – No corpo, braço e um pouco a barriga. Modifica, tu fica um pouco mais masculina. O abdômen fica mais definido, ele fica reto, não fica aquela [parte inaudível]. Trabalha diferente a musculatura do que tu ir para uma academia trabalhar perna. Trabalha braço, trabalha abdômen, alguma coisa... Tu perde muita musculatura da bunda.

I.B. – O seio tu chegou a perder um pouco?

F.G. – Perde.

I.B. – Porque perde bastante peso, não é?

F.G. – Perde bastante, é como se aquilo ali fosse um músculo, fica quase sem nada.

I.B. – Como é que tu percebeu essas mudanças?

F.G. – Na verdade, eu nem percebi, foi indo assim, quando eu vi já estava. Todo mundo dizia assim: “Tu tá ficando que nem homem!”. Eu nem percebia, porque eu fazia... Às vezes eu passava o dia inteiro, no caso, no inverno principalmente, eu botava casaco e calça e no verão também, porque eu precisava perder peso, então eu ia de casaco e calça. Às vezes eu colocava duas calças, dois casacos, porque eu precisava baixar peso. Quando eu tirava, minhas pernas estavam finas, meus braços fortes, porque eu não via. Eu não ia assim: “Eu vou, eu quero ficar com vontade de crescer, ter um corpo legal”. Eu estava afim do boxe mesmo, estava a fim de lutar, de chegar nos lugares e as pessoas dizerem: “Que legal que tu faz boxe”. Todo mundo me conhecia, porque eu saía em vários jornais também. No começo o Zé me colocava nos jornais “Vamos colocar tu!” E a coisa foi vindo, os jornais vinham me entrevistar. Foi legal, a época em que eu vivi foi legal.

I.B. – Ainda com relação a essas mudanças corporais, teus amigos e familiares chegaram a te falar alguma coisa? Perceberam essas modificações?

F.G. – Do corpo?

I.B. – É.

F.G. – Sim, a minha mãe dizia bastante. Na verdade, ele fica legal e não fica, tu fica muito masculina, teu corpo. Tu perde a... Como é que se diz a palavra?

I.B. – Feminilidade.

F.G. – Feminilidade. Tu fica mais masculina.

I.B. – Tu falou até no início que tu já teve alguma marca, algum ferimento, e se isso preocupou as pessoas da tua volta?

F.G. – Pior que eu fiquei, que apareceu, foi o nariz que quebrou, eu fiquei uma semana com ele todo roxo. Foi onde deu para ver, mas eu vivia roxa, era incrível [risos]. Eu tinha muito contato, queria ficar o tempo todo lutando dentro da academia. A gente tem muito contato, então não adianta, vai acontecer, ainda mais às vezes que tu está empolgada e a minha academia só tinha guri, homem, não tinha mulher para fazer. Eu preferia até fazer com os homens, porque as mulheres que entravam não estavam no mesmo ritmo que o meu. Às vezes, até as próprias que lutavam não tinham o mesmo ritmo que o meu, daí eu ia fazer algum *sparring*¹⁴ com elas, eu sentia diferença.

I.B. – Aí com homem tu treinava com todos?

F.G. – É.

I.B. – E eles tinham alguma diferença em treinar contigo?

F.G. – Não.

I.B. – Batiam igual?

F.G. – Aham. Quem não conhecia dizia: “Vou lutar com ela”. Daí eles: “Não, espera”.
[risos]

I.B. – Se eles vinham...

¹⁴ Simulação de luta entre atletas de uma academia como parte do treinamento de boxe.

F.G. – Eu tinha bastante dificuldade, mas eu tinha bastante vontade de aprender. “Eu quero fazer isso, quero ter mais fôlego”. Se me mandassem virar pedra, eu virava. “Isso aqui vai te servir, faz.”. Eu fazia.

I.B. – Tu vê alguma diferença no processo de treinamento de homens e mulheres? No treino, tem alguma diferença entre homens e mulheres?

F.G. – Não, mesma coisa. O homem tem diferença porque é homem, eles têm mais agilidade, são mais rápidos, mas em questão de treino não, é a mesma coisa.

I.B. – E na forma de lutar, as mulheres tem alguma particularidade por serem mulheres?

F.G. – Não. Tu nota, quem é expectador, olhando, mas é a mesma coisa, não tem diferença nenhuma. Tem mulher que luta melhor que homem. Tu nota: “Essa aqui é melhor que fulano”. É que agora eu não estou mais, esses dias eu fiz um *sparring* numa academia, só uma sombra como a gente chama, eu fiz com homem. Todo mundo disse: “Bah!”. Fazia tempo que eu não lutava, fazia cinco anos que eu não fazia nada, eu fui fazer só uma sombra. Daí quem estava olhando: “Tu é melhor que muito homem”. Ainda. Só movimentando... Só o fato de tu movimentar já vê a diferença quem é bom e quem não é. Quem conhece, já nota. Eu ia dar aula em academia e era só para mulher. A professora que tem lá disse assim: “Eu não quero que elas lutem, eu não quero... Eu só quero dar o treino básico e não quero mostrar nada além de bater saco”. Eu disse: “Mas tu tem que mostrar como é que se dá um soco, como é que a pessoa vai andar, porque é o teu nome que está ali”. Ela disse: “Não, mas eu não quero isso, eu quero só que elas se exercitem.” Mas eu acho que é importante tu saber te movimentar, como é que tu vai bater, porque não é força, é colocação no soco. Tudo isso eu achei que deveria ser colocado. Daí ela disse: “Não.”, “Tá, então não precisa.” [riso] Eu quero que mostrem. Como é que eu vou dizer: “Tu tá aprendendo boxe com quem?” “Com a Fernanda”. Pô, a guria não sabia andar nem para frente, nem para trás, não tem como. Eu acho que, por mais que seja te exercitar, tu tem que mostrar o boxe olímpico. Tu tem que mostrar independente da academia que for. “Ah, é só para ganhar dinheiro”. Eu não concordo, tanto é que eu não fiquei. Se tu der teu nome, tu

aprendeu como é que é, tu tem que mostrar como é que faz nem que seja chato. Que nem o Vinicius¹⁵ dizia, porque ele dizia que tem que ficar não sei quanto tempo andando para frente e para trás [risos], mas é a repetição que vai te levar a perfeição, então tu vai ter que repetir. A academia não quer isso, claro eles não querem formar atletas, mas eu acho que tu tem que ensinar. Imagina: “Eu faço boxe”. Mas vai te olhar: “Que coisa horrível”.

I.B. – Durante muito tempo o boxe foi praticado só por homens, as mulheres não praticavam, como é que tu te sentiu, como mulher, lá dentro?

F.G. – Me senti tri bem.

I.B. – É?

F.G. – Aham. Me senti tri bem, porque no começo eles te olham de uma maneira, depois de um tempinho eles vão vendo o que tu quer realmente, que tu não quer estar ali por brincadeira, que tu não quer ir ali só para te mostrar, que tu pode conseguir. Eu me sentia bem por estar no nível deles. Uma vez o Cafuringa me disse... Ele não gostava de treinar mulher, mas ele treinava, mas não levava mulher para lutar, pelo que eu saiba. Ele disse assim para mim um dia, começou a me avacalhar... Eu disse: “Qualquer um desses teus atletas, eu te garanto que eu ganho deles”. Eu comecei a provocar ele, tanto é que um dia ele disse: “Não, Fernanda, eu te respeito”. Ele colocou no site um negócio e tal, me assumiu como se eu fosse uma atleta de boxe. Mas no início ele só me avacalhou o tempo todo, mas depois ele disse: “Não, realmente ela está aqui porque ela quer fazer, não é brincadeira.” Eu não fazia boxe só para mostrar, para brincar, eu fazia mesmo e vivia aquilo ali. Eu queria viver aquilo ali, queria uma profissão, vivia no mundo da fantasia, porque hoje ninguém vive do boxe, ainda mais Olímpico, só lá para cima nos Estados Unidos, eu acho. Aqui não tem como tu viver do boxe, só tu dando aula de repente ou... Mas viver, treinar e lutar, não tem como, impossível. Até que a Bolsa está mais ou menos agora.

¹⁵ Vinicius Guariglia.

I.B. – Tá valendo.

F.G. – Tá valendo. [risos]

I.B. – Como é que tu interpreta o fato das mulheres entrarem no boxe apenas recentemente? Por exemplo, nas Olimpíadas só em 2012, sendo que eu tenho visto, pelo menos no que eu leio, que no Judô e em outras lutas lá na década de [19]80, elas já começaram a praticar. Por que tu acha que o boxe foi depois que essas outras lutas?

F.G. – Eu acho que o boxe ele é muito assim... Eu acho que, antigamente, até para os homens, eles não tinham proteção, era no punho sem luvas, tinha uma academia velha, uma coisa muito machista: “Só está aqui quem aguenta”. Era muito machismo, questão de... Até pelo jeito... Tu vê nos filmes... Acho que por isso demorou um pouco para a mulher projetar no boxe. É por causa disso, a mulher é difícil ela querer viver aquilo ali, só para quem gosta mesmo. Por exemplo, tu pega uma guria de academia, vai levar num lugar daquele, capaz que ela vai querer ficar. Ela vai querer: “Vou treinar lá que é mais bonito”. Imagina, que nem eu te disse, a minha mãe foi acho que umas três vezes comigo lá onde eu treinava, eu via a cara dela. Ela nunca disse nada, eu ia, ela via... Eu descia na Estação Mercado¹⁶, eu ia do Mercado até a Federação¹⁷ a pé, e ela ia comigo. Eu treinei e tal, na volta eu tomava só um café com leite, era só o dinheiro que dava. Ela viveu aquilo ali comigo e pensou, ela se orgulhou e também se decepcionou. Eu como mãe hoje, eu vejo isso, ela se decepcionou por eu estar vivendo aquilo ali, mas também se orgulhou.

I.B. – Finalizando agora. Qual a contribuição que tu acha que deu para o boxe do Rio Grande do Sul?

F.G. – Boxe feminino?

¹⁶ Estação Mercado, estação central e final da linha da Empresa de Trens Urbanos de Porto Alegre.

¹⁷ Federação Rio-grandense de Pugilismo, localizada no bairro Menino Deus na cidade de Porto Alegre.

I.B. – É.

F.G. – Na época que eu treinava, muitas meninas queriam fazer e ser o que eu era. Elas entravam e diziam: “Que legal, quero ser igual a ela”. Eu já várias dizendo isso. Várias meninas que... A contribuição que eu dei é que o boxe não é só para homens, a mulher tem condições de também fazer a mesma coisa que o homem. Eu achei que depois, nos outros anos que eu fui, ficou mais liberado para outras mulheres... Porque o primeiro ano que eu fui tinha muita mulher assim: “Você é homem”. Entendeu? Mulher mais homem. Depois não, depois teve outras gurias diferentes, de outros estados. Eu acho que, de repente, quem foi em uma ano, disse: “Vai! Tem alguém lá do Rio Grande do Sul que está indo, porque que tu não pode ir?”. Abriu mais brecha para outras gurias olharam: “Se ela... Vamos fazer também.” Tiveram mais gurias que entraram depois de mim, abriu mais, eu achei, porque na época que eu estava era muito pouco. Depois que eu saí, eu vi que tinha mudado, teve umas gurias atletas do Rio Grande do Sul que foram. No meu ano acho que só foram eu e uma outra guria, depois nos outros anos já foram mais meninas, abriu mais brecha para as gurias irem.

I.B. – Antes de tu entrar, tu ouviu falar de outras atletas que estavam no boxe antes de ti?

F.G. – Sim.

I.B. – Tu lembra de algum nome?

F.G. – Tinha a Camila que é de... Eu não sei te dizer.

I.B. – Não é de Guaporé¹⁸?

¹⁸ Município localizado na serra gaúcha, no Rio Grande do Sul.

F.G. – Guaporé. A Camila já tinha ido no Brasileiro¹⁹. Eu não sei quantas vezes ela lutou, mas antes de mim ela já estava lutando. Eu cheguei a ver uma luta dela no início. E tem a Fernanda Pereira, que também treinou comigo.

I.B. – Mas tu teve a sensação de que, quando tu entrou, não havia tantas mulheres lutando boxe antes de ti? Teve ideia que entraram mais gurias depois?

F.G. – Mais gurias depois, antes tinha muito pouco. Eu sempre ouvia falar das mesmas, não ouvia: “Teve em tal ano uma guria...”. Mas recém tinha iniciado, fazia cinco anos só.

I.B. – Cinco anos?

F.G. - Desde 2000, também não é pouco tempo, mas essa mesma Camila foi a única que foi, pelo que eu me lembre.

I.B. – Ela não treina mais boxe?

F.G. – Acho que não, nunca mais ouvi falar dela.

I.B. – Tem mais alguma coisa que eu não perguntei e que tu gostaria de deixar registrado?

F.G. – Eu acho que eu falei quase tudo que eu queria falar.

I.B. – Muito obrigada.

[FINAL DA ENTREVISTA]

¹⁹ Campeonato Brasileiro.